

Tragédia traz prejuízos para o Brasil

Exportadores contabilizam perdas. Nas empresas com escritórios no World Trade Center, dúvidas quanto a desaparecidos

A ERA DO TERROR

RIO, SÃO PAULO E SALVADOR - Um dia depois do maior ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos, as empresas brasileiras já começam a sentir e a temer os primeiros impactos do clima de guerra que vive o maior comprador individual das exportações nacionais. A Embraer teve que suspender a entrega de uma aeronave hoje. Um dos terminais de contêiner do Porto do Rio não conseguiu autorização para embarcar uma carga perigosa. Os produtores de manga do Vale do São Francisco foram pegos no melhor momento de exportações da fruta para o mercado americano.

....A Embraer estava preparando uma solenidade para comemorar a venda do 500º ERJ 145 que iria ser levado por representantes do fundo de investimento Wexford, mas os compradores não puderam sair dos Estados Unidos, onde os aeroportos estão fechados. O avião vai operar com as cores da companhia American West. A ae-

ronave ERJ 145 é a prata da casa da Embraer e custa cerca de US\$ 20 milhões. A Embraer, no entanto, informa que ainda é cedo para prever os impactos dos atentados para os negócios com o país. A empresa vende em média 16 aviões por mês e seus dois principais compradores são as empresas americanas American Eagle e Continental Express.

Portas fechadas - A incerteza quanto aos rumos da economia americana, em meio ao terror instalado, também está tirando o sono dos fruticultores do Vale do São Francisco, na Bahia. A região concentra o maior número de produtores brasileiros de manga e responde por 95% das exportações do setor. Das 20 milhões de caixas que a região exporta por ano, 8 milhões seguem para os Estados Unidos, um mercado apontado pelos produtores como o mais promissor.

"Os Estados Unidos são um mercado exigente, mas pagam o melhor preço e representam hoje um grande potencial de consumo", define o produtor John Khoury. Cada caixa tem 4 kg de frutas.

O choque terrorista chegou no melhor período para as vendas ex-

ternas da manga brasileira. "Vendemos durante todo o ano, mas os meses de agosto e setembro são o pico das negociações por se tratar de um período em que nenhum outro país tem manga para vender", comenta Aristeu Chaves, presidente da Vale Export, uma associação, com sede em Juazeiro (BA), que reúne 20 mil dos 30 mil produtores de manga - a maioria de pequeno porte. A retração de um mercado potencial nesse período, no entender do produtor, seria um duro golpe para o setor.

"Os Estados Unidos vivem um clima de guerra e nessas situações a tendência é de redução das importações e, consequentemente, de queda nos preços."

Esquema de guerra - O dia seguinte à tragédia foi marcado pela tentativa de bancos e empresas que tinham sede no World Trade Center de se adaptar à situação momentânea. O Deutsche Bank em Nova Iorque está funcionando de forma precária. Seus funcionários estão trabalhando em casa ou em escritórios alugados. O banco alemão funcionava em um prédio ao lado das torres do World Trade Center. Segundo a gerente de

marketing da filial brasileira, Eliisa Prado, a instituição não perdeu nenhum funcionário porque todos saíram a tempo. Segundo ela, o prédio que abrigava o banco está isolado e passará por perícia.

O Bank of America ocupava três andares de uma das torres do World Trade Center. Pelo menos 80% dos 400 funcionários já relataram estarem a salvo. Havia brasileiros entre eles, mas não há informação oficial sobre possíveis vítimas. Todos os dados importantes da instituição contavam com cópias de segurança, segundo informou a instituição.

As instalações do Morgan Stanley Dean Witter, banco mais atingido, ocupavam 22 andares do World Trade Center. Lá, trabalhavam mais de 3.500 funcionários. A assessoria de imprensa do banco, em Nova Iorque, não tinha informações ainda sobre quantos brasileiros trabalhavam lá nem quantos dos seus funcionários estavam no prédio na hora dos ataques terroristas. Seu executivo-chefe, Philip Purcell, afirmou à tarde que a maioria conseguiu escapar da tragédia, mas não quis falar em números.

Depoimento

"Não quero guerra"

"Ainda não deu para acreditar no que aconteceu em Nova Iorque. A sensação é a de uma tremenda ressaca, de um peso enorme sobre as nossas cabeças. Aqui em Boston, onde trabalho, as pessoas estão todas confusas e sentindo medo, sentimento novo para muita gente. Nos escritórios, nos restaurantes e em casa, só falamos sobre o horrível atentado ao World Trade Center.

Para mim, sendo brasileira, e vivendo nos Estados Unidos desde 1995, estou bem adaptada ao estilo de vida americano, e sofro tanto quanto eles. Como trabalho no mercado financeiro, estou vendo as bolsas americanas paradas pela primeira vez -, com previsão inicial de retorno dos pregões em Nova Iorque para amanhã. Como se já não bastasse o fantasma do desemprego chegando ao país, esse ato terrorista só vem acelerar e

confirmar a recessão econômica.

A governadora de Massachusetts pediu que todos procurassem levar uma vida normal, retomando suas atividades. O comércio e as escolas funcionaram tranquilamente, apesar dos vôos terroristas terem partido de Boston. A população está bastante tensa e preocupada com os possíveis desdobramentos dessa ação tenebrosa, e a opinião pública americana está bem dividida. Para alguns, mais radicais, uma retaliação imediata do governo americano contra os culpados é exigida, e apontam algum país do Oriente Médio como responsável. Para outros, felizmente o bom-senso prevalece: querem a solução do problema, mas não desejam a guerra de forma alguma. Eu me incluo entre esses. "

Mayra Caetano Pereira, 23 anos,
analista financeira carioca, vive em Boston.